

# MIA COUTO: VOZ NASCIDA DA TERRA

Rita Chaves

A expressão "mulato não de raças, mas de existências", extraída de um dos contos aqui publicados, pode ser lida como uma senha para abrir a compreensão de todo um universo de experiências em que parece estar fundada a matriz das vozes narrativas que se erguem dos textos de Mia Couto, esse notável escritor moçambicano só muito recentemente acolhido pelo mercado editorial brasileiro. Sua obra até o presente inclui um livro de poemas (*Raiz de orvalho*), dois romances (*Terra sonâmbula* e *A varanda do frangipani*) e cinco volumes de contos (*Vozes anoitecidas*, *Cada homem é uma raça*, *Cronicando*, *Estórias abensonhadas* e *Contos do nascer da terra*) e seu nome é reconhecido como o mais expressivo da ficção contemporânea de Moçambique. Com textos traduzidos para várias línguas, o autor saltou da África oriental e, superando as ainda apertadas fronteiras da língua portuguesa, vem se inserindo num panorama mais alargado da literatura. Só mesmo a força de uma distância imposta por algo além da geografia explica que apenas dois de seus livros (*Terra sonâmbula* e *Estórias abensonhadas*) tenham sido publicados entre nós.

Conhecendo pouco a obra e, até mesmo, o país de onde ela vem, o leitor brasileiro tende a ser surpreendido pela força narrativa desse autor para quem a nossa literatura foi, desde muito cedo, uma decisiva descoberta. Apaixonado por João Cabral e Carlos Drummond de Andrade tão logo chegou ao mundo da poesia, Mia Couto, por caminhos indiretos, iria desembarcar noutras margens do encantamento gerado pelo repertório literário brasileiro. Por intermédio do ficcionista angolano José Luandino Vieira, conheceu Guimarães Rosa, cuja obra confirmaria, segundo ele próprio, a legitimidade do caminho que já vinha percorrendo. As incursões pelo terreno da recriação verbal, incorporando desabridamente formas populares, ganharam gestos mais seguros quando o jovem escritor percebeu-se em excelente companhia. Pode-se dizer que, nas trilhas do autor do *Grande sertão* e do cantador dos musseques de Luanda, o contista moçambicano viu na reinvenção da língua portuguesa uma fonte para contar o mundo vasto e movimentado de um país onde a noção de identidade se nutre nas águas caudalosas de uma impressionante diversidade cultural.

ImproPRIAMENTE reconhecido como *apenas um dos cinco países africanos de língua portuguesa*, Moçambique ultrapassa de longe o vazio do rótulo que só pode esbater a pluralidade de sua composição étnica, lingüística, religiosa etc. Nos dez séculos que precederam a passagem dos portugueses em busca das Índias, o território já se havia beneficiado da intensa atividade mercantil que caracterizou o relacionamento dos povos banhados pelo Oceano Índico. São do século VIII as ruínas de Chibuene, no sul da atual República de Moçambique, onde foram encontrados restos de vidro islâmico e faiança persa misturados com cerâmica local de fina qualidade. Mercadores árabes e persas do Oriente Médio eram então os grandes promotores desse tráfico, de que viriam participar navegadores guzerates e malabares, vindos do subcontinente indiano, e, mais tarde, indonésios e até chineses. Toda a Azânia, como então era referida a África Índica, da Somália ao sul de Moçambique e Madagascar, fervilhava de contatos comerciais e culturais.

O ambiente cosmopolita ali desenvolvido conferia à região uma especificidade que Portugal, mais interessado então no controle do Atlântico, pragmaticamente institucionalizou colocando as suas possessões na costa oriental sob a direta administração do vice-rei português que governava o então chamado Estado da Índia, subordinação prolongada até o princípio do século XIX. Na passagem para o século XX, confrontada com a exigência de uma ocupação real do território, a metrópole vê-se compelida a negociar a concessão da administração efetiva do centro de Moçambique a uma companhia majestática britânica, situação que se estende até os anos 30.

A empresa colonial, como é fácil depreender, ganha, naquele contexto, certas peculiaridades, e as repercussões desse processo não seriam triviais uma vez que sobre a matriz cultural bantu das populações africanas recaiu uma confluência de heranças provenientes de muitos pontos do planeta e que, com incidência diferente nas diversas regiões do país, acabaria por influenciar comportamentos, tradições e valores. Registraram-se, inicialmente, as influências islâmicas a norte do rio Zambeze e, mais tarde, as influências cristãs no sul e centro do território. Para aquelas terras, às margens do Índico, convergiram e conviveram indianos, paquistaneses, britânicos, holandeses, franceses, chineses, malaios, mauricianos, malgaches, que, disputando ou dividindo o espaço com as várias etnias locais e os ocupantes portugueses, viriam contribuir para o extraordinário mosaico de tipos humanos, crenças religiosas, línguas e dialetos, hábitos culinários, tradições de muitas ordens.

Nesse vasto e multifacetado universo, balançado pelos efeitos da dominação colonial, pelas lutas que levaram à independência em 1975 e pela guerras de agressão que só tiveram fim em 1992, o ato de escrever tem se constituído como uma forma de conhecer as terras e as gentes que ali se espalham. Como é comum em países novos, a literatura moçambicana tem participado do esforço para compor as linhas da identidade cultural, sem que isso signifique uma estrita adesão ao real ou uma ligação estreita a um limitado universo ideológico. Nascida sob a atmosfera dos movimentos nacionalistas, a prática literária esteve sempre associada ao jogo da história

que ali se vai organizando, onde os escritores, enquanto militantes do novo projeto voltado para a libertação política, procuraram estratégias capazes de articular aqueles dois pólos da arte que, em tensão, multiplicam as discussões da teoria da literatura: o conteúdo ético e a dimensão estética da obra. Ligado ao grupo que praticamente inaugura a literatura nacional, Mia Couto herda sobretudo a vontade de comunhão com a terra, de onde parece extrair a substância que os seus textos carregam.

Perfeitamente assentado nos cenários tão diversificados por onde tem passeado a sua prática de jornalista e/ou de biólogo, o escritor faz circular sobre eles personagens que, compondo-se de múltiplas vivências, contam sob várias perspectivas a história do país. Seus contos são povoados por cenas que, inseridas na comunhão lírica do dia-a-dia, projetam os personagens e atraem o leitor para um mundo onde a fantasia não quer colidir com o real, desdobrado assim em fragmentos que evocam a totalidade sobrevivente na memória de seres tocados pela marginalidade. Nas tramas, em que se reconhecem as dificuldades postas pela vida no contexto de crises extremadas, também se podem vislumbrar as linhas do humor a relativizar a ponta dramática de tantas situações. Se o momento é de tão intensa dureza, mais do que o recurso à lágrima, a ironia surge como tática poderosa para sacudir a incômoda poeira dos tempos.

Na obra de Mia Couto, a maturidade se revela também no modo de encarar fatos sob óticas que a ênfase reclamada, e mesmo justificada, em algumas fases da história tende a nublar. Repare-se que em "Falas do velho tuga" o sujeito é o português e o objeto é o encontro com a exuberância de um mundo outro, visto primeiro através da *febre* trazida pela malária — uma companheira obrigatória nas andanças por aquelas terras. É curioso que, freqüentemente apontada pela chamada literatura colonial como uma das ameaças com que se deparava o "bravo colono", a malária seja ali vista como uma espécie de ponte para a descoberta de um universo onde as lições se refazem: "Graças à mais antiga das doenças, em dia que não sei precisar, tremendo de suores, eu dava à luz um outro ser, nascido de mim. [...] Da janela me chegavam os brilhos da vida, os cantos dos infinitos pássaros. Estar doente num lugar tão cheio de vida me doía mais que a própria doença". O estado febril, essa incômoda fatalidade, ao perturbar a objetividade dos sentidos, abre a sensibilidade para a apreensão daquilo que, sendo diferente, até insólito, não é negativo. Diversamente do que se costuma acusar à literatura comprometida com a história, a cena não comporta bandidos e mocinhos; não se trata propriamente de radicalizar pontos de vista opostos e estanques. Sem apostar na conciliação ou diluir diferenças, o autor parece investir na resistência por meio de outras vias, como ao tematizar a sedução dos "testemunhos da antigüidade". O encontro de dois mundos em princípio antagônicos não precisaria se dar em ritmo de colisão, como demonstra a memória de quem viveu o choque e sabe que cresceu com ele.

Surpreendendo os que ainda guardam da África a imagem, paradisíaca ou infernal, de um espaço ocupado só por feras e motivos para

lamentação, os contos de Mia Couto abrigam também o homem urbano, atormentado pela angústia que vem da quebra de uma ordem apoiada na utopia de mais brandas relações sociais. Em "O homem da rua", o sujeito que erra pelas ruas não se queixa da miséria material, ali assinalada, sem dúvida, mas da solidão a que se vê condenado. O inesperado do comportamento revela outras dimensões da vida nessa sociedade que a mídia só apresenta como campeã de miséria e fome. Situados na periferia, desprezados pelos centros de decisão, condenados à *ajuda humanitária* de quem gere a riqueza e multiplica a pobreza do mundo, vivem pelas ruas sacudidas pelos clamores do consumo, que a modernidade espalha indistintamente, seres que, desprovidos de tanto, não abriam mão de sua humanidade.

Ao focalizar universos regidos por outros códigos, onde se mesclam as heranças desse inventário cultural de que se compõe o país, Mia Couto afia o seu olhar para ir descascando as múltiplas fatias do mundo de que ele é, afinal, um representante. A formação intelectual, medulada pelas leis do Ocidente, se enriquece de outras sabedorias, inclusive aquelas a que o mundo urbano se tem mostrado hostil. Em "Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?", do primeiro volume de contos, o fértil, mas também perigoso terreno do mito é tocado. Para escapar ao folclorismo barato e aos exotismos desgastantes, o autor precisa encontrar caminhos, tarefa viabilizada pela sua inegável identidade com o mundo de que fala. Já no livro de estréia, a maestria do escritor apostava, por exemplo, na diluição das fronteiras entre prosa e poesia e o resultado são textos carregados daquela ambigüidade apta a valorizar no cotidiano o que não é banal. Numa narrativa densa, como esta aqui publicada, matrizes da oralidade são utilizadas para dar corpo e forma ao surpreendente depoimento de um homem envolvido numa também surpreendente estória.

Ao assumir-se, sem complexos, como um bom contador de estórias, ainda que contrarie a tese de que o mundo já não comporta o intercâmbio de experiências, Mia Couto inscreve-se na linhagem de seus "mais-velhos", ato que, entretanto, não tem interditado ao escritor a procura de outras alianças, como revelam os encontros com Guimarães Rosa e Luandino Vieira. Desse modo, combinando o legado de raiz com os valores trazidos pelos ventos do mundo, ele tem sabido incorporar ao seu trabalho procedimentos que no mundo frio da escrita tentam revitalizar a soberania da tradição oral, dona de um poderoso vigor na ordenação da mitologia que, se vem de fora da cidade, penetra as suas ruas e impõe inesperados contornos aos movimentos da vida cotidiana. Em seus contos e romances, abertos também ao imprevisto e à fantasia, não se desfoca nem se sufoca a diversidade da sociedade moçambicana.

Trabalhado na prosa do seu escritor, Moçambique redimensiona-se num enquadramento propício à derrubada de tantos preconceitos. Sem virar as costas ao sonho, os textos delineiam a realidade e revelam um país que, enriquecido pela multiplicidade de experiências, projeta-se como uma mistura dialética de vários modos de estar no mundo. Assim, periférico,

excluído, ignorado, Moçambique, tal como o continente africano, mexe-se e protagoniza mais do que desastres e tragédias de natureza vária. E se a carência é uma presença inegável, a precariedade da vida reclama da literatura respostas que, sem mascarar a falta ameaçadora, devem fecundar o desejo — parecem alertar muitos dos textos de Mia Couto. É ele próprio que, já na abertura do volume *Vozes anoitecidas*, fornecia a pista: "O que mais dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros. Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes". Pouco afeito ao brilho exagerado, ele revela-se partidário de discretos atos e mesmo para evitar a condenação ao silêncio (uma sutil maneira de recusar a vida) investe em matizes e nuances. Em seu mais recente livro, prossegue: "O mundo necessita ser visto sob outra luz: a luz do luar, essa claridade que cai com respeito e delicadeza. Só o luar revela o lado feminino dos seres. Só o luar revela a intimidade da nossa morada terrestre. [...] Necessitamos não do nascer do Sol. Carecemos do nascer da Terra".

Rita Chaves é professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.

### **Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?\***

\* Extraído de *Contos do nascer da terra*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

#### 1. Senhor doutor, lhe começo

Eu somos tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste? Porque dentro de mim, não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo nossas mortes. Mas parto foi só um. Aí, o problema. Por isso, quando conto a minha história me misturo, mulato não das raças, mas de existências.

A minha mulher matei, dizem. Na vida real, matei uma que não existia. Era um pássaro. Soltei-lhe quando vi que ela não tinha voz, morria sem queixar. Que bicho saiu dela, mudo, através do intervalo do corpo?

O senhor, doutor das leis, me pediu de escrever a minha história. Aos poucos, um pedaço cada dia. Isto que eu vou contar o senhor vai usar no tribunal para me defender. Enquanto nem me conhece. O meu sofrimento lhe interessa, doutor? Não me importa a mim, nem tão pouco. Estou aqui a falar, isto-isto, mas já não quero nada, não quero sair nem ficar. Seis anos que estou aqui preso chegaram para desaprender a minha vida. Agora, doutor, quero só ser moribundo. Morrer é muito de mais, viver é pouco. Fico nas metades. Moribundo. Está-me a rir de mim?

Explico: os moribundos tudo são permitidos. Ninguém goza-lhes. O respeito dos mortos eles antecipam, pré-falecidos. O moribundo insulta-nos? Perdoamos, com certeza. Cagam nos lençóis, cospem no prato? Limpamos, sem mais nada. Arranja lá uma maneira, senhor doutor. Desaras-ca lá uma maneira de eu ficar moribundo, submorto.

Afinal, estou aqui na prisão porque me destinei prisioneiro. Nada, não foi ninguém que queixou. Farto de mim, me denunciei. Entreguei-me eu mesmo. Devido, talvez, o cansaço do tempo que não vinha. Posso esperar, nunca consigo nada. O futuro quando chega não me encontra. Onde estou, afinal eu? O lugar da minha vida não é esse tempo?

Deixo os pensamentos, vou directo na história. Começo no meu cunhado Bartolomeu. Aquela noite que ele me veio procurar, foi onde iniciaram desgraças.

## 2. Asas no chão, brasas no céu

A luz emagrecia. Restava só um copo de céu. Em casa do meu cunhado Bartolomeu preparava-se o fim do dia. Ele espreitou a palhota: a mulher, mexedora, agitava as últimas sombras do xipefo. A mulher deitava mas Bartolomeu estava inquieto. O adormecimento demorou de vir. Lá fora um mocho piava desgraças. A mulher não ouviu o pássaro que avisa a morte, já dormia entregue ao corpo. Bartolomeu falou-se:

— *Vou fazer o chá: talvez é bom para eu garrar maneira de dormir.*

O lume estava ainda a arder. Tirou um pau de lenha e soprou nele. Sacudiu dos olhos as migalhas do fogo. Na atrapalhão deixou a lenha acesa cair nas costas da mulher. O grito que ela deu, nunca ninguém ouviu. Não era som de gente, era grito de animal. Voz de hiena, com certeza. Bartolomeu saltou no susto: estou casado com quem, afinal? Uma nóii\*? Essas mulheres que à noite transformam em animais e circulam no serviço da feitiçaria?

• "Nóii": feitiçeira.

A mulher, na frente da aflição dele, rastejava a sua dor queimada. Como um animal. Raio da minha vida, pensou Bartolomeu. E fugiu de casa. Atravessou a aldeia, rápido, para me contar. Chegou a minha casa, os cães agitaram. Entrou sem bater, sem licenças. Contou-me o sucedido assim como agora estou a escrever. Desconfiei, no início. Bêbado, talvez o Bartolomeu trocou as lembranças. Cheirei o hálito da sua queixa. Não arejava bebida. Era verdade, então. Bartolomeu repetia a história duas, três, quatro vezes. Eu ouvia aquilo e pensava: e se a minha mulher também é uma igual? Se é uma nóii, também?

Depois de Bartolomeu sair, a idéia me prendia os pensamentos. E se eu, sem saber, vivia com uma mulher-animal? Se lhe amei, então troquei a minha boca com um focinho. Como aceitar desculpas da troca? Lugar de animal é na esteira, algum dia? Bichos vivem e revivem nos currais, para lá dos arames. Se essa mulher, fidaputa, me enganou, fui eu que animei. Só havia uma maneira de provar se Carlota Gentina, minha mulher, era ou não uma nóii. Era surpreender-lhe com um sofrimento, uma dor funda. Olhei em volta e vi a panela com água a ferver. Levantei e reguei o corpo dela com fervuras. Esperei o grito mas não veio. Não veio, mesmo. Ficou assim, muda, chorando sem soltar barulho. Era um silêncio enrascado, ali na esteira. Todo

o dia seguinte, não mexeu. Carlota, a coitada, era só um nome deitado. Nome sem pessoa: só um sono demorado no corpo. Sacudi-lhe nos ombros:

— *Carlota, porquê não mexes? Se sofres, porquê não gritas?*

Mas a morte é uma guerra de enganos. As vitórias são só derrotas adiadas. A vida enquanto tem vontade vai construindo a pessoa. Era isso que Carlota precisava: a mentira de uma vontade. Brinquei de criança para fazer-lhe rir. Saltei como gafanhoto em volta da esteira. Choquei com as latas, entornei o barulho sobre mim. Nada. Os olhos dela estavam amarrados na distância, olhando o lado cego do escuro. Só eu me ria, embrulhado nas panelas. Me levantei, sufocado no riso e saí para estourar gargalhadas loucas lá fora. Gargalhei até cansar. Depois, aos poucos, fiquei vencido por tristezas, remorsos antigos.

Voltei para dentro e pensei que ela havia de gostar ver o dia, elasticar as pernas. Trouxe-lhe para fora. Era tão leve que o sangue dela devia ser só poeira vermelha. Sentei Carlota virada para o poente. Deixei o fresco tapar o seu corpo. Ali, sentada no quintal, morreu Carlota Gentina, minha mulher. Não notei logo aquela sua morte. Só vi pela lágrima dela que parará nos olhos. Essa lágrima era já água da morte.

Fiquei a olhar a mulher estendida no corpo dela. Olhei os pés, rasgados como o chão da terra. Tanto andaram nos carreiros que ficaram irmãos da areia. Os pés dos mortos são grandes, crescem depois do falecimento. Enquanto media a morte de Carlota eu me duvidava: que doença era aquela sem inchaço nem gemidos? Água quente pode parar assim a idade de uma pessoa? Conclusão que tirei dos pensamentos: Carlota Gentina era um pássaro, desses que perdem voz nos contraventos.

### 3. Sonhos da alma acordaram-me do corpo

Sonhei-lhe. Ela estava no quintal, trabalhando no pilão. Pilava sabe o quê? Água. Pilava água. Não, não era milho, nem mapira, nem o quê. Água, grãos do céu.

Aproximei. Ela cantava uma canção triste, parecia que estava a adormecer a si própria. Perguntei a razão daquele trabalho.

— *Estou a pilar.*

— *Esses são grãos?*

— *São tuas lágrimas, marido.*

Foi então: vi que ali, naquele pilão, estava a origem do meu sofrimento. Pedi que parasse mas a minha voz deixou de se ouvir. Ficou cega a minha garganta. Só aquele tunc-tunc-tunc do pilão sempre batendo, batendo, batendo. Aos poucos, fui vendo que o barulho me vinha do peito, era o coração me castigando. Invento? Inventar, qualquer pode. Mas eu daqui da cela só vejo as paredes da vida. Posso sentir um sonho, perfume passante. Agarrar não posso. Agora, já troquei minha vida por sonhos. Não foi só esta noite que sonhei com ela. A noite antepassada, doutor, até chorei.

Foi porque assisti minha morte. Olhei no corredor e vi sangue, um rio dele. Era sangue órfão. Sem o pai que era o meu braço cortado. Sangue detido como o dono. Condenado. Não lembro como cortei. Tenho memória escura, por causa dessas tantas noites que bebi.

E sabe, nesse tal sonho, quem salvou o meu sangue espalhado? Foi ela. Apanhou o sangue com as suas mãos antigas. Limpou aquele sangue, tirou a poeira, carinhosa. Juntou os pedaços e ensinou-lhes o caminho para regressar ao meu corpo. Depois ela me chamou com esse nome que eu tenho e que já esqueci, porque ninguém me chama. Sou um número, em mim uso algarismos não letras.

O senhor me pediu para confessar verdades. Está certo, matei-lhe. Foi crime? Talvez, se dizem. Mas eu adoeço nessa suspeita. Sou um viúvo, não desses que enterra as lembranças. Esses têm socorro do esquecimento. A morte não afasta-me essa Carlota. Agora, já sei: os mortos nascem todos no mesmo dia. Só os vivos têm datas separadas. Carlota voou? Daquela vez que lhe entornei água foi na mulher ou no pássaro? Quem pode saber? O senhor pode?

Uma coisa eu tenho máxima certeza: ela ficou, restante, por fora do caixão. Os que choravam no enterro estavam cegos. Eu ria. É verdade, ria. Porque dentro do caixão que choravam não havia nada. Ela fugira, salva nas asas. Me viram rir assim, não zangaram. Perdoaram-me. Pensaram que eram essas gargalhadas que não são contrárias da tristeza. Talvez eram soluços enganados, suor do sofrimento. E rezavam. Eu não, não podia. Afinal, não era uma morta falecida que estava ali. Muito-muito era um silêncio na forma de bicho.

#### 4. Vou aprender a ser árvore

De escrever me cansei das letras. Vou ultimar aqui. Já não preciso defesa, doutor. Não quero. Afinal das contas, sou culpado. Quero ser punido, não tenho outra vontade. Não por crime mas por meu engano. Explicarei no final qual é esse engano. Há seis anos me entreguei, prendi-me sozinho. Agora, próprio eu me condeno.

De tudo estou agradecido, senhor doutor. Levei seu tempo, só de graça. O senhor me há-de chamar de burro. Já sei, aceito. Mas, peço desculpa, se faz favor: o senhor, sabe o quê da minha pessoa? Não sou como outros: penso o que agüento, não o que preciso. O que desconsigo não é de mim. Falha de Deus, não minha. Porquê Deus não nos criou já feitos? Completos, como foi nascido um bicho a quem só falta o crescimento. Se Deus nos fez vivos porque não deixou sermos donos da nossa vida?

Assim, mesmo brancos somos pretos. Digo-lhe, com respeito. Preto o senhor também. Defeito da raça dos homens, esta nossa de todos. Nossa voz, cega e rota, já não manda. Ordens só damos nos fracos: mulheres e crianças. Mesmo esses começam a demorar nas obediências. O poder de um

pequeno é fazer os outros mais pequenos, pisar os outros como ele próprio é pisado pelos maiores. Rastejar é o serviço das almas. Costumadas ao chão como é que podem acreditar no céu?

Descompletos somos, enterrados terminamos. Vale a pena ser planta, senhor doutor. Mesmo vou aprender a ser árvore. Ou talvez pequena erva porque árvore aqui dentro não dá. Porquê os baloii\* não tentam de ser plantas, verde-sossegadas? Assim, eu não precisava matar Carlota. Só lhe desplantava, sem crime, sem culpa.

Só tenho medo de uma coisa: de frio. Toda a vida sou do frio. Tenho paludismo não é no corpo, é na alma. O calor pode apertar: sempre tenho tremuras. O Bartolomeu, meu cunhado, costumava dizer: "fora de casa sempre faz frio". Está certo. Mas eu, doutor, que casa eu tive? Nenhuma. Terra nua, sem aqui nem onde. Num lugar assim, sem chegada nem viagem, é preciso aprender espertezas. Não dessas que avançam na escola. Esperteza redonda, esperteza sem trabalho certo nem contrato com ninguém.

Nesta carta última o senhor me vê assim, desistido. Porquê estou assim? Porque o Bartolomeu me visitou hoje e me contou tudo como se passou. No enfim, compreendi o meu engano. Bartolomeu me concluiu: afinal a sua mulher, minha cunhada, não era uma nóii. Isso ele confirmou umas tantas noites. Espreitava de vigia para saber se a mulher dele tinha ou não outra ocupação nocturna. Nada, não tinha. Nem gatinhava, nem passarinhava. Assim, Bartolomeu provou o estado de pessoa da sua esposa.

Então, pensei. Se a irmã da minha mulher não era nóii, a minha mulher também não era. O feitiço é mal de irmãs, doença das nascenças. Mas eu como podia adivinhar sozinho? Não podia, doutor.

Sou filho do meu mundo. Quero ser julgado por outras leis, devidas da minha tradição. O meu erro não foi matar Carlota. Foi entregar a minha vida a este seu mundo que não encosta com o meu. Lá, no meu lugar, me conhecem. Lá podem decidir das minhas bondades. Aqui, ninguém. Como posso ser defendido se não arranjo entendimento dos outros? Desculpa, senhor doutor: justiça só pode ser feita onde eu pertenço. Só eles sabem que, afinal, eu não conhecia que Carlota Gentina não tinha asas para voar.

Agora já é tarde. Só reparo o tempo quando já passou. Sou um cego que vê muitas portas. Abro aquela que está mais perto. Não escolho, tropeço a mão no fecho. Minha vida não é um caminho. É uma pedra fechada à espera de ser areia. Vou entrando nos grãos do chão, devagarinho. Quando me quiserem enterrar já eu serei terra. Já que não tive vantagem na vida, esse será o privilégio da minha morte.

### Falas do velho tuga\*

Quer que eu lhe fale de mim, quer saber de um velho asilado que nem sequer é capaz de se mexer da cama? Sobre mim sou o menos indicado para

\* "Baloii": feitiçeiros, deitadores de sorte (plural: nóii).

\* Extraído de *Vozes anoitecidas*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1987.

falar. E sabe porquê? Porque estranhas névoas me afastaram de mim. E agora, que estou no final de mim, não recordo ter nunca vivido.

Estou deitado neste mesmo leito há cinco anos. As paredes em volta parecem já forrar a minha inteira alma. Já nem distingo corpo do colchão. Ambos têm o mesmo cheiro, a mesma cor: o cheiro e cor da morte. Morrer, para mim, sempre foi o grande acontecimento, a surpresa súbita. Afinal, não me coube tal destino. Vou falecendo nesta grande mentira que é a imobilidade.

Também eu amei uma mulher. Foi há tempo distante. Nessa altura, eu receava o amor. Não sei se temia a palavra ou o sentimento. Se o sentimento me parecia insuficiente, a palavra soava a demasiado. Eu a desejava, sim, ela inteira, sexo e anjo, menina e mulher. Mas tudo isso foi noutra tempo, ela era ainda de tenrinha idade.

Este lugar é a pior das condenações. Já nem as minhas lembranças me acompanham. Quando eu chamo por elas me ocorrem pedaços rasgados, cacós desconstruídos. Eu quero a paz de pertencer a um só lugar, a tranqüilidade de não dividir memórias. Ser todo de uma vida. E assim ter a certeza que morro de uma só única vez. Mas não: mesmo para morrer sofro de incompetências. Eu deveria ser generoso a ponto de me suicidar. Sem chamar morte nem violentar o tempo. Simplesmente deixarmos a alma escapar por uma fresta.

Ainda há dias um desses rasgões me ocorreu por dentro. É que me surgiu, mais forte que nunca, esse pressentimento de que alguém me viria buscar. Fiquei a noite às claras, meus ouvidos esgravatando no vão escuro. E nada, outra vez nada. Quando penso nisso um mal-estar me atravessa. Sinto frio mas sei que estamos no pico do Verão. Tremuras e arrepios me sacodem. Me recordo da doença que me pegou mal cheguei a este continente.

África: comecei a vê-la através da febre. Foi há muitos anos, num hospital da pequena vila, mal eu tinha chegado. Eu era já um funcionário de carreira, homem feito e preenchido. Estava preparado para os ossos do ofício mas não estava habilitado às intempéries do clima. Os acessos da malária me sacudiam na cama do hospital apenas uma semana após ter desembarcado. As tremuras me faziam estranho efeito: eu me separava de mim como duas placas que se descolam à força de serem abanadas.

Em minha cabeça, se formavam duas memórias. Uma, mais antiga, se passeava em obscura zona, olhando os mortos, suas faces frias. A outra parte era nascente, reluzcente, em estreia de mim. Graças à mais antiga das doenças, em dia que não sei precisar, tremendo de suores, eu dava à luz um outro ser, nascido de mim.

Fiquei ali, na enfermaria penumbrosa, intermináveis dias. Uma estranha tosse me sufocava. Da janela me chegavam os brilhos da vida, os cantos dos infinitos pássaros. Estar doente num lugar tão cheio de vida me doía mais que a própria doença.

Foi então que vi a moça. Branca era a bata em contraste com a pele escura: aquela visão me despertava apetites no olhar. Ela se chamava

Custódia. Era essa mesma Custódia que hoje está connosco. Na altura, ela não era mais que uma menina, recém-saída da escola. Eu não podia adivinhar que essa mulher tão jovem e tão bela me fosse acompanhar até o final dos meus dias. Foi a minha enfermeira naqueles penosos dias. A primeira mulher negra que me tocava era uma criatura meiga, seus braços estendiam uma ponte que venciam os mais escuros abismos.

Todas as tardes ela vinha pelo corredor, os botões do uniforme desapertados, não era a roupa que se desabotoava, era a mulher que se entreabria. Ou será que por não ver mulher há tanto tempo eu perdera critério e até uma negra me porventurava? Me admirava a secura daquela pele, o gesto cheio de sossegos, educado para maternidades. Enquanto rodava pelo meu leito eu tocava em seu corpo. Nunca acariciara tais carnes: polposas mas duras, sem réstia de nenhum excesso.

Os dias passavam, as maleitas se sucediam. Até que, numa tarde, me assaltou um vazio como se não houvesse mundo. Ali estava eu, na despedida de ninguém. Olhei a janela: um pássaro, pousado no parapeito, recordava o poente. Foi nesse pôr do Sol que Custódia, a enfermeira, se aproximou. Senti seus passos, eram passadas delicadas, de quem sabe do chão por andar sempre descalço.

— *Eu tenho um remédio*, disse Custódia. *É um medicamento que usamos na nossa raça. O Senhor Fernandes quer ser tratado dessa maneira?*

— *Quero.*

— *Então, hoje de noite eu lhe venho buscar.*

E saiu, se apagando na penumbra do corredor. Como em caixilho de sombra a sua figura se afastava, imóvel como um retrato. Na janela, o pássaro deixou de se poder ver. Adormeci, doído das costas, a doença já tinha aprisionado todo meu corpo. Acordei com um sobressalto. Custódia me vestia uma bata branca, bastante hospitalar.

— *Onde vamos?*

— *Vamos.*

E fui, sem mais pergunta, tropeçando pelo corredor. Dali parei a tomar fôlego e, encostado na umbreira da porta, olhei o leito onde lutara contra a morte. De repente, estranhas visões me sobressaltaram: deitado, embrulhado nos lençóis, estava eu, desorbitado. Meus olhos estavam sendo comidos pelo mesmo pássaro que atravessara o poente. Gritei *Custódia, quem está na minha cama?* Ela espreitou e riu-se:

— *É das febres, ninguém está lá.*

Fui saindo, torteando o passo. Afastámo-nos do hospital, entrámos pelos trilhos campestres. Naquele tempo, as palhotas dos negros ficavam longe das povoações. Caminhava em pleno despenhadeiro, o pequeno trilho resvalava as infernais e desluzidas profundezas. Me perdi das vistas, mais tombado que amparado nesse doce corpo de Custódia. Voltei a acordar como se subisse por uma fresta de luminosidade. Aquela luz fugidia me pareceu, primeiro, o pleno dia.

Mas depois senti o fumo dessa ilusão. O calor me confirmou: estava frente a uma fogueira. O calor da cozinha da minha infância me chegou.

Escutei o roçar de longas saias, mulheres mexendo em panelas. Saí da lembrança, dei conta de mim: estava nu, completamente despido, deitado em plena areia.

— *Custódia!*, chamei.

Mas ela não estava. Somente dois homens negros baixavam os olhos em mim. Me deu vergonha ver-me assim, descascado, alma e corpo despejados no chão. Malditos pretos, se preparavam para me degolar? Um deles tinha uma lâmina. Vi como se agachava, o brilho da lâmina me sacudiu. Gritei: aquela era a minha voz? Me queriam matar, eu estava ali entregue às puras selvajarias, candidato a ser esquartejado, sem dó na piedade. Me desisti, desvalente, desvalido. De nada lucrava recusar os intentos do negro. O homem cortou-me, sim. Mas não passou de uma pequena incisão no peito. Sangrei, fiquei a ver o sangue escorrer, lento como um rio receoso.

Um dos homens falou em língua que eu desconhecia, seus modos eram de ensonar a noite, a voz parecia a mão de Custódia quando ela me empurrava para o sonho. Voltei a deitar-me. Só então reparei que havia uma lata contendo um líquido amarelado. Com esse líquido me pintavam, em besuntação danada. Depois, me ajeitaram o pescoço para me fazerem beber um amargo licor. Choravam, pareceu-me de início. Mas não: cantavam em surdina. Dores de morrer me puxavam as vísceras. Vomitei, vomitei tanto que parecia estar-me a atirar fora de mim, me desfazendo em babas e azedos. Cansado, sem fôlego nem para arfar, me apaguei.

No outro dia, acordei, sem estremunhações. Estava de novo no hospital, vestido de meu regulamentar pijama. Qualquer coisa acontecera? Eu tinha saído em deambulação de magias, rituais africanos? Nada parecia. Verdade era que eu me sentia bem, pela primeira vez me chegavam as forças. Me levantei como uma toupeira saída da pesada tampa do escuro. Primeira coisa: fui à janela. A luz me cegou. Podia haver tantas cores, assim tão vivas e quentes?

Foi então que eu vi as árvores, enormes sentinelas da terra. Nesse momento aprendi a espreitar as árvores. São os únicos monumentos em África, os testemunhos da antigüidade. Me diga uma coisa: lá fora ainda existem? Pergunto sobre as árvores.

Quer saber mais? Agora estou cansado. Tenho que respirar muito. Há tanto tempo que eu não falava assim, às horas de tempo. Não vá ainda, espere. Vamos fazer uma combinação: você divulga estas minhas palavras lá no jornal de Portugal — como é que se chama mesmo o tal jornal? — e depois me ajuda a procurar a minha família. É que sabe: eu só posso sair daqui pela mão deles. Senão, que lugar terei lá no mundo? Traga-me um qualquer parente. Quem sabe, depois disso, ficamos mesmo amigos. Você sabe como eu confirmo que estou ficando velho? É da maneira que não faço mais amigos. Aqueles de que me lembro são os que eu fiz quando era novo. A idade nos vai minguando, já não fazemos novas amizades. Da próxima vez venha com um parente. Ou faça mesmo o senhor de conta que é meu familiar.

## O homem da rua\*

\* Extraído de *Contos do nascer da tetra*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

Ainda o dia andava à procura do céu, vinha eu em vagaroso carro que mais a mim me conduzia. De repente, um homem atravessou a calçada, desavultado vulto avulso. Uma garrafa o empunhava. E ele, todo súbito e poentio, se embateu frontalmente na viatura. Saltou pelos ares, se aplacando lá mais adiante, onde se iniciava o passeio. Saí do susto para inspeccionar sua sobrevivência.

Me debrucei sobre o restante dele, seu rolado enrodilhado. Não havia sangue nem quebraçura de osso. O maltrapalhado estava a salvo, salvo erro. Todavia, me meteu pena: suas vestes eram a sujidade. Havia quase nenhuma roupa em seu sarro. Mesmo o corpo era o que menos lhe pesava. Os olhos estavam parados, na grade do rosto. Me pareciam pedir, o quê nem sei.

De inesperado, o vagabundo se ergueu e apressou umas passadas para encaçar o longe. Se entrecuzou com sua sombra, assustado de haver escuro e luz. Em muito zig e pouco zag ele acabou por se devolver ao chão. Voltei a acudir, cheio dessa culpa que não cabe na razão. Apanhei o vulto, desarranjado, sem estrutura. Pareceu tontolinho, sempre agarrado ao arregalado gargalo. Me deitou olhos muito espantados e pediu desculpa por incômodos. Apalpou o lugar onde se deitava, e disse:

— *Um de nós está morrendo.*

Entreolhei-me a mim e ao restante mundo. Ele se precisou:

— *Estou falando da terra, parece ela está moribundando.*

Lhe disse que o levaria dali para um sítio que fosse dele. Ajudei-lhe a entrar no meu carro. Ele recusou com terminância:

— *Não entro em coisa que serve para levar morto.*

Amparei o desandrajoso. Se sustentou em meu ombro e me foi levando pelo passeio sombrio, através dessa devastidão onde o negro escurece a preto.

— *Agora o senhor me entorne aqui...*

— *Aqui?*

Esfregando-se no pescoço como se as mãos fossem de outrem, acrescentou:

— *Aqui, sim. Quero acordar com dormência de lua.*

Dali ele passou a esbanjar conversa. Quem sabe o homem desjejuava palavra? E dizia sem aparência nenhuma:

— *Bem hajam as folhas, minha cama!*

E explicava-se enquanto alisava as folhagens mortas: quando se deitava lhe doía a curva da terra, a costela quebrada do próprio universo. Assim deitadinho, todo simetrado com o planeta, um subterrâneo rio falava com suas veias.

— *Até foi bom me aleijar um bocado. Ri-se? Nem sabe como é bom haver um chão para a gente ter onde cair.*

E nos trocamos nessa conversa com vontade de ser corpo, encosto, adormecimento. Ficámos a ver as luzinhas da cidade, lá em baixo, a lembrar

que o homem sofre de incurável medo de ser noite. O país daquele homem seria a noite. Meu território era o dia, com sua luminescência tanta que serve mais é para deixarmos de ver.

E pensei: o primeiro alimento é a luz. Nos invade logo quando nascemos. Depois, a luminosidade, com suas infinitas cascatas, nos fica a engordar a alma. Em mim, pelo menos, a primeira saudade é da luz. Direi, então: me falta a minha luz natal? Quem sabe a alma deste homem, sempre ninhado no escuro, emagrecera assim a olhos não-vistos? O homem é bicho diurno. O dia é bicho humano?

Me foi descendo, espesso, o sono. Avancei despedida não sem retirar do bolso algumas notas que estendi em direção ao desastrado:

— *Deixo o senhor com algum dinheiro. Quem sabe lhe virão, mais tarde, as dores do acidente?*

Para meu espanto ele recusou. Sem veemência, sem nenhum ênfase. Era recusa verdadeira.

— *Posso pedir uma qualquer coisa?*

— *Peça.*

— *Me dê um pouco mais da sua companhia. Só isso: companhia.*

Ainda hesitei, inesperando aquele pedido. O homem nem me fitava, estivesse envergonhado. E assim, de cabeça baixa, insístiu:

— *É que, sabe, eu não tenho ninguém. Antes ainda tinha quem me dispensasse migalha de conversa. Mas, agora, já nem. E me dá um medo de me sozinhar por esses ais.*

Quase que falava para dentro, eu devia baixar orelha para o entender. Assim, cabismudo, prosseguiu:

— *Sabe o que faço? Vou dizer... mas o senhor me prometa que não zanga...*

— *Prometo.*

— *O que eu faço, agora, é me deixar atropelar. É ser embatido num resvalo de quase nada. Indemnização que peço é só esta: companhia de uma noite.*

Fiquei quieto sem me achar conveniência. Em gesto nem palavra me defendiam. O atropelado centrou esforço em se erguer, mão sobre o joelho. Já de pé me segurou o cotovelo:

— *Pode ir, à vontade. Nem imagina como senhor me fez bem, me bater e, depois, me falar. Agora já nem sinto dor nem dentro nem fora.*

Ainda fiz menção de ficar, perdido entre garganta e coração. Mas o andrajoso levantou o braço, em serena sentença:

— *Vá, meu amigo, vá na sua vida.*

Regressei ao carro. Arranquei-me dali, devagar. Olhei no espelho para retrover o vagabundo. Me lembrei então que nem o nome dele eu anotara. Lhe chamo agora: o homem da rua. Seu nome ficará assim, inominável, simplesmente: homem da rua. Lembrando este tempo em que deixou de haver a rua do homem.